



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL**

**INÊS ALVES MACIEL**

**A CONCEPÇÃO DE ROTINA NA PERSPECTIVA DAS PROFESSORAS DE  
CRECHE**

**PÓLO CARIRI**

**2012**

**INÊS ALVES MACIEL**

**A CONCEPÇÃO DE ROTINA NA PERSPECTIVA DAS PROFESSORAS DE  
CRECHE**

**Monografia apresentada ao Curso de  
Especialização em Educação Infantil da  
Faculdade de Educação da Universidade  
Federal do Ceará, como requisito parcial ao  
Título de Especialista em Educação Infantil.**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sinara Almeida da  
Costa**

**PÓLO CARIRI**

**2012**

**INÊS ALVES MACIEL**

**A CONCEPÇÃO DE ROTINA NA PERSPECTIVA DAS PROFESSORAS DE  
CRECHE**

**Monografia apresentada ao Curso de  
Especialização em Educação Infantil da  
Faculdade de Educação da Universidade  
Federal do Ceará, como requisito parcial ao  
Título de Especialista em Educação Infantil.**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sinara Almeida da  
Costa**

**Aprovada em: 15 / 12 / 2012.**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sinara Almeida da Costa – Presidente/Orientadora  
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Socorro Silva  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Ms. Elaine Cristina Forte Ferreira  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

“A Deus por ter me dado o dom da paciência e sabedoria.”

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ter me dado forças pra continuar mesmo com tantos empecilhos.

Aos meus pais e irmãos, que sempre depositaram em mim amor e confiança.

Ao meu esposo que me ajudou a seguir em frente, me incentivando e passando horas acordado ao meu lado para digitar o meu trabalho.

À minha orientadora e confidente a quem dei muito trabalho.

À professora Rose pelos momentos de descontração após o almoço, onde todas nós (Cilda, Rose, Benigna e eu é claro) saboreávamos deliciosos picolés à sombra das árvores.

À coordenação do curso que não media esforços pra nos ajudar.

À Secretária de Educação do Município de Juazeiro do Norte, Ceará.

Aos sujeitos que participaram desta pesquisa fornecendo dados relevantes.

Aos meus colegas de turma, em especial: Benigna, Rita, Cilda e Antonia, pela maravilhosa convivência.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo compreender qual é a concepção das professoras de creche sobre rotina. Os objetivos específicos são: compreender as concepções das professoras sobre criança e educação infantil, com foco na creche; compreender quais os objetivos da rotina na perspectiva das professoras, identificar e analisar o que as professoras levam em consideração na construção da rotina (espaço, tempo, materiais, proposta pedagógica da instituição, fonte de pesquisa, as crianças—idade, desejos, interesses, necessidades, etc.) A investigação se apoiou nos estudos sobre rotina de Barbosa (2006), Andrade (2001), e Lima (2010). A pesquisa é de natureza qualitativa e foi realizada com duas professoras de creche municipal da cidade de Juazeiro do Norte. Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas. Os resultados encontrados revelam que a rotina é um elemento controlador dos atos dos professores e das crianças, acontecendo de forma rotineira sem espaço para a criatividade dos pequenos, visando à homogeneidade, ignorando as diferenças os gostos, a liberdade, onde todos têm que fazer tudo do mesmo jeito e na mesma hora, educando assim para a submissão. A partir das análises dos dados, concluí-se que a rotina precisa ser repensada, trazendo a criança para o centro do planejamento, rompendo assim com uma rotina que torna as crianças passivas na tentativa de contribuir para que elas sejam sujeitos de sua própria aprendizagem.

**Palavras-chave:** Professoras de creche. Educação infantil. Crianças.

## ABSTRACT

This research aims at comprehending routine's conception of preschool teachers. Specific objectives are: Comprehending teacher's conception, focusing on day care center; comprehending the objectives of routine in teachers' perspective, identifying and analyzing what teachers considerate in the construction of routine (space, time, materials, pedagogical proposal, research source, children-age, desires, interests, necessities etc). Barbosa (2006), Andrade (2001), e Lima (2010) support our studies about routine. Our research has qualitative nature and was realized with two preschool teachers in the city of Juazeiro do Norte. Data collection was realized with two individual interviews semistructured. The results found reveal that routine is an controller element in teachers and children acts, and that they happen in a routine way with no space to children creativity, focusing on homogeneity, ignoring the differences and their likes, liberty, they all have to do things in the same way and in the same time, being educated to submission. From data analysis, we concluded that routine needs to be rethought, bringing children to a planning center, breaking up with a routine that makes passive children attempting to a contribution to children become subjects in their own apprenticeship.

**Keywords:** Preeschool. Teachers. Routine

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	9
2 REFERÊNCIAL TEÓRICO.....	16
3 METODOLOGIA .....	21
3.1 Abordagem da pesquisa .....	21
3.2 Os sujeitos da pesquisa .....	21
3.3 Descrição dos sujeitos .....	22
3.4 As entrevistas / a pesquisa de campo .....	24
4 ANÁLISE DOS DADOS .....	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	48
REFERÊNCIAS .....	50
APÊNDICE.....	52
ANEXO.....	54

## 1 INTRODUÇÃO

A constituição federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB de 1996 representam grandes avanços e conquistas no campo da Educação Infantil. Dois desses grandes avanços legais foram: Educação Infantil como etapa inicial da educação básica e Educação Infantil como direito da criança de zero a seis anos de idade.

Essas duas conquistas passam a evidenciar a importância da educação infantil como fase de desenvolvimento integral da criança de zero a seis anos em seus aspectos físico, afetivo, cognitivo, social, e cultural. (LDB/96)

A educação infantil, antes oferecida às crianças e suas famílias sem maiores preocupações, sem exigência de professores formados e de locais adequados, cede lugar a espaços adequados, profissionais com formação mínima na modalidade normal, currículos adequados, propostas pedagógicas e concepção de criança como sujeito ativo de sua própria aprendizagem. Nessa concepção de criança, não pode haver dicotomia entre educar e cuidar, e a educação infantil antes oferecida como um favor às crianças pobres de mães trabalhadoras passa a ser direito de qualquer criança de zero a seis anos, independente de classe social, trazendo, assim, igualdade de oportunidades entre elas.

Todas essas conquistas, contudo, só se efetivaram no âmbito legal e são frutos de muitas lutas, conquista social e política, mas ainda está longe de acontecer na prática desenvolvida em muitas instituições. As políticas públicas não atendem as necessidades das crianças, dificultando assim o atendimento às mesmas. O que temos muitas vezes é o atendimento em casas adaptadas, ignorando a importância do espaço, professores com formação em outras áreas que não seja a pedagogia e muitos sem formação alguma, como se qualquer pessoa pudesse atuar nesse campo.

Desse modo, temos os direitos das crianças violados, pois o trabalho é feito, muitas vezes, objetivando a guarda das crianças, quando muito pequenas, ou a alfabetização, quando se trata das crianças da pré-escola, reforçando uma rotina de manutenção da sociedade vigente, desigual e preconceituosa através de práticas disciplinadoras.

Em relação a minha experiência com a educação infantil, inicia-se em 2004, quando eu estava cursando o sétimo semestre do curso de pedagogia na Universidade Regional do Cariri- URCA, onde os alunos tinham o direito a uma seleção no Educar Sesc, uma instituição educacional que oferecia um estágio renumerado e uma experiência bastante útil para quem

pretendia atuar na educação infantil. Fiz a seleção, que foi através de prova e em seguida entrevista. A seleção foi realizada em janeiro, e em fevereiro já comecei o meu estágio. Nesse mesmo mês, fui convocada para assumir o concurso do município da cidade de Caririçu, que eu tinha feito há quase dois anos e só agora tinha sido convocada. Por conta desse fato, tive que transferir a faculdade pra noite, pois o estágio era durante a manhã e assumir o Ensino Fundamental, segunda série, no município de Caririçu, no período da tarde. Conciliar tanta coisa não foi fácil, mas eu não podia abrir mão do estágio e nem tão pouco do concurso que me garantia a tão sonhada estabilidade profissional.

No Educar Sesc, estagiei no grupo 2 (criança de 2 anos), durante um ano. Eram 22 crianças em um espaço muito pequeno, pois era uma casa alugada. Contava com um quintal bastante amplo onde cada grupo tinha um horário livre para brincar. Havia, nesse espaço, um cercado, com galinhas, pintos, capotes, entre outros, que as crianças gostavam muito de olhar e jogar alimentos. Neste mesmo espaço, tinha a piscina onde as crianças faziam natação uma vez por semana e um parquinho.

Todo sábado, professores, estagiários e coordenadores se encontravam para estudar as obras de: Emília Ferreiro, Ana Teberosk e outros autores que embasavam a teoria praticada na instituição e planejavam as atividades semanais a partir do projeto que estava sendo desenvolvido. Tínhamos bastantes brinquedos e material pedagógico suficiente.

Cada estagiário precisava elaborar um projeto para ser desenvolvido no seu grupo. O meu teve como tema a água e foi muito proveitoso.

No município de Caririçu, iniciei com a segunda série. Eu tinha 18 alunos de 8 a 14 anos de idade e a maioria ainda não estava alfabetizado. Não tínhamos parque, piscina, cercado com bichos, mas tínhamos a natureza inteira a nossa volta e crianças desejosas em aprender e com o pouco que estava disponível a mim e a elas, conseguir realizar um bom trabalho, tendo como consequência a alfabetização de todas ao final do ano. Esta escola situa-se na zona rural de Caririçu e o núcleo gestor era composto apenas pela diretora, que a cada nova gestão é indicada pelo prefeito.

Meu envolvimento com o tema rotina foi surgindo a partir de reflexões sobre a prática, e se intensificou durante a realização do curso de especialização em Educação Infantil, ofertado pela Universidade Federal do Ceará. Tal curso me ajudou a repensar sobre muitas das minhas atitudes junto às crianças com as quais trabalho, como: ouvi-las mais, criar cantinhos na sala com o objetivo de oferecer escolhas e promover autonomia. Minha rotina

passou a ser refletida e realizada levando em consideração o tempo, o espaço e os materiais disponíveis.

Os estudos feitos durante as aulas do referido curso me ajudaram a ver o quanto preciso aprender sobre Educação infantil para poder questionar e exigir os meus direitos e os direitos das crianças.

Inúmeros estudiosos desenvolveram pesquisas sobre rotina. Entre eles destacam-se Barbosa (2006), Andrade (2001) e Lima (2010).

Segundo BARBOSA(2006, p.35)

A importância das rotinas na Educação Infantil provém da possibilidade de constituir uma visão própria como concretização paradigmática de uma concepção de educação e de cuidado. É possível afirmar que elas sintetizam o projeto político das instituições e apresentam a proposta de ação educativa dos profissionais.

A autora tinha como objetivo verificar como as rotinas chegam ao campo educacional e tornam de uma categoria pedagógica central na educação infantil. A rotina foi analisada como um instrumento de controle do tempo, das atividades e dos materiais, com função de padronizar e regulamentar a vida dos adultos e das crianças em creches e pré-escola. Sua pesquisa foi realizada a partir de bibliografia de matérias empíricas variadas e de pesquisa de campo, em escolas para crianças pequenas (0 a 6 anos) no Brasil e exterior. Como resultado de sua pesquisa, constatou que as rotinas realizadas nas escolas de educação infantil estão em profunda relação com a construção da modernidade, e que, somente a partir de reflexão contextualizada, é que se poderá ressignificar a sua importância em projeto político pedagógico. A autora reflete sobre a necessidade de se repensar o cotidiano na busca de mudanças, e acredita que se faz necessário sair da visão adultocêntrica, ouvindo e atendendo as necessidades das crianças que são atendidas em creches e pré-escolas.

Andrade (2007), em sua pesquisa sobre rotina, teve como objetivo analisar como as professoras, as crianças e suas famílias percebem a rotina na creche e pré-escola, tentando identificar e compreender os fatores que orientam sua organização. Em sua metodologia, a autora utilizou diferentes instrumentos de coleta de dados: observação de participantes, entrevista, questionários e análise de documento. Os resultados revelam o valor dado pelas professoras ao momento da “tarefa”, o único considerado como pedagógico pelas professoras. Para elas, o espaço de sala de aula é lugar de ler e escrever e que esse tempo precisa ser ampliado. Em relação aos outros momentos da rotina, afirmam que não precisa de mudanças, pois as crianças, segundo elas, se mostram felizes e satisfeitas. As docentes não percebem que

essa rotina é rígida, cheia de vigilância, onde as mesmas controlam tudo sem deixar espaço para que as crianças falem de suas vontades, desejos e necessidades. Mantendo assim uma relação de conflitos, grande espera e ociosidade pelas crianças. Em relação às famílias, a autora constatou que todas concordam com as professoras privilegiando o tempo da “tarefa” de leitura e escrita. Por não conhecerem o valor da brincadeira para as crianças, enfatizam que esse tempo deve ser reduzido. Em relação às crianças, Andrade (2007) revela que as mesmas denunciam essa rotina rígida e sem significado, relatando o apreço ao tempo de brincar e dizem que na instituição precisa ter mais brincadeira.

Segundo a autora, se faz urgente e necessário refletir sobre as rotinas das instituições creche e pré-escola, levando em consideração as crianças, deixando-as falarem sobre os seus desejos e necessidades tornando o dia-a-dia das mesmas mais alegres dentro da instituição.

Lima (2010), em seus estudos, teve como objetivo geral a análise da rotina na Educação Infantil, enfocando a sua contribuição para o desenvolvimento da autonomia moral das crianças. Seus objetivos específicos foram: a) caracterizar a rotina de uma classe de Educação Infantil, a partir dos seus elementos constitutivos: tempo, atividades, espaço e materiais; b) identificar as concepções da professora sobre rotina e autonomia; c) investigar a contribuição específica de cada um desses elementos para o desenvolvimento da autonomia moral das crianças. Fundamentou o seu estudo na teoria psicogenética de Piaget para estudar a autonomia moral. De natureza qualitativa, a sua pesquisa utiliza técnicas dos estudos etnográficos. Utilizou, na coleta de dados, entrevista semiestruturada, análise documental e observação participante. Obteve como resultado que o planejamento e o desenvolvimento das atividades, a organização dos espaços, a distribuição dos tempos, bem como as interações da professora com a turma em pré-escola não favorecem o desenvolvimento da autonomia moral das crianças.

Segundo Barbosa e Horn (2001), todos os momentos são pedagógicos e de cuidado no trabalho com crianças de zero a seis anos.

Mas, para alcançar estes objetivos, é necessário que o professor tenha em seu planejamento um olhar especial para a criança, trazendo-a para o centro do planejamento. Para tanto, certamente leva em consideração sua concepção de educação, criança e sociedade. É dessa forma que a rotina torna-se aliada para uma educação transformadora ou mero instrumento de controle das ações do professor e das crianças.

Desse modo, o professor precisa ter claro qual o seu papel junto às crianças e esse dará de acordo com as suas concepções. Se o mesmo acredita que suas crianças são passivas e incapazes de agir de forma ativa, buscará transmitir uma educação para a subordinação. Ao contrário, se o professor acredita que as mesmas são sujeitos ativos capazes de criar e recriar, manterá uma relação onde ele seja um mediador das aprendizagens, levando-as a uma educação transformadora, Pois segundo Cruz ( 1996, p.84 )

O educador é um parceiro privilegiado do desenvolvimento da criança pequena e portanto, deve ter capacidade e sensibilidade para mediar a relação entre ela e o meio em que vive, ajudando-a a construir significados, adquirir novas capacidades e construir-se como sujeito.

Sendo assim, o professor tem uma função muito importante junto as crianças, função de ter a capacidade de organizar rotinas significativas e diversificadas, valorizando o papel dos jogos e brincadeiras, tornando assim rico e desafiador a mediação das aprendizagens de suas crianças.

Nesse sentido, o presente trabalho visa apresentar e discutir a concepção de rotina na perspectiva das professoras de creche. Dessa forma é que pretendo investigar sobre qual a concepção de rotina na perspectiva das professoras de educação infantil. E, sendo a rotina uma construção histórica e social que se dá nas relações estabelecidas entre as crianças e os adultos que compõem as instituições, pretendo identificar que concepções de criança, educação e sociedade está por trás dessas relações.

Desse modo a presente pesquisa está organizada da seguinte forma:

O primeiro capítulo trás três pesquisas sobre rotina, onde as autoras buscam identificar qual a importância da mesma e sua função dentro das instituições de Educação Infantil e se ela contribui ou não para o desenvolvimento de um cotidiano rico e desafiador para as crianças.

O segundo capítulo apresenta o referencial teórico constituído principalmente pelos estudos de Barbosa ( 2006), Cruz ( 1996) e Craidy ( 2001), sobre a importância que é dada ou não pelas as professoras em a rotina.

No terceiro capítulo, encontra – se todo o percurso metodológico como, o tipo de pesquisa realizada, a descrição dos sujeitos e como se deu as entrevistas para a realização desse trabalho.

O quarto capítulo trás análise das concepções das professoras de creche sobre rotina, Educação Infantil, crianças e outros pontos importantes para realização de uma educação infantil de qualidade.

O quinto capítulo trata – se das considerações finais encontradas durante a pesquisa junto as professoras, complementadas e confrontadas com as idéias de algumas estudiosas citadas acima.

## **Objetivos**

Objetivo Geral:

Compreender qual é a concepção das professoras de creche sobre rotina.

### **Objetivos específicos:**

- Compreender as concepções das professoras sobre criança e educação infantil, com foco na creche;
- Compreender quais os objetivos da rotina na perspectiva das professoras;
- Identificar e analisar o que as professoras levam em consideração na construção da rotina (espaços, tempo, materiais, proposta pedagógica da instituição, fonte de pesquisa, as crianças-idade, desejos, interesses, necessidades, etc.).

## 2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

O presente capítulo tem como foco principal as idéias de Barbosa (2006) sobre rotina. Autora relata a importância de uma rotina que facilita o desenvolvimento de um planejamento diário do professor, tornando – se instrumento que irá favorecer às crianças um cotidiano dinâmico e prazeroso. Isto é, se a mesma não cair na mesmice tornando – se uma rotina rotineira e sem significado algum a não ser o de manter o controle e a disciplina das crianças.

Dessa forma o tema rotina tem despertado o interesse de muitas estudiosas como Andrade (2007), Cruz (1996), Craidy (2001) e Barbosa (2006). Elas buscam analisar como ela está organizada e ainda se contribui ou não para a promoção de uma educação de qualidade para as crianças que são atendidas em instituições de creche e pré-escola, mostrando que é possível e urgente repensar o cotidiano. Para isso, essas estudiosas saem de uma visão adultocêntrica, onde o adulto sem consultar a criança, acredita saber o que é melhor para ela. As mesmas acreditam que é possível refletir e questionar essas rotinas, rompendo com essas práticas, trazendo a criança para o centro de todo o processo pedagógico, favorecendo assim uma educação de qualidade.

Segundo Barbosa (2006.p, 41-42) “Nos dicionários de língua Inglesa, routine significa um curso ou procedimento regular, uma performance invariável de certos atos, uma seqüência ordenada de instruções e procedimentos para realizar determinada tarefa”. Essas denominações são diversas como:seqüências de ações, trabalho dos adultos e das crianças, plano diário, rotina diária e jornada e a importância dessa rotina na educação infantil provém da possibilidade de construir uma concretização de uma concepção de Educação e de cuidado. Porém, a rotina para os adultos, muitas vezes, é considerada algo ruim, repetitivo, vicioso. Entretanto, para as crianças de 3 anos de idade, a rotina,tendo como centro a criança, irá proporcioná-la conforto, segurança, estabilidade e bem estar.como afirma Andrade (2007 p.14 )

“ O atendimento à criança pequena em creche ou pré-escola pode ser algo muito benéfico para o seu desenvolvimento. Isso se torna possível na medida em esses ambientes criam as condições que favorecem o crescimento, desenvolvimento, a aprendizagem e o bem- estar da criança”.

Sabemos que, para qualquer criança, entrar na Educação Infantil é um momento muito marcante, especialmente porque ela se separa da família por um período considerável, ela passa mais tempo na escola do que em casa com seus pais irmãos e familiares. Portanto,

considera-se que esse período para as crianças é muito especial pelo fato de que ela passará a conviver com novas regras, com pessoas diferentes de seu convívio habitual.

Segundo Barbosa (2006, p.45), “a rotina pedagógica é um elemento estruturante da organização institucional e de normatização da subjetividade das crianças e dos adultos que frequentam os espaços coletivos de cuidado e educação”. Dessa forma, a rotina diária é o desenvolvimento prático do planejamento e, se ela for adequada, torna-se instrumento construtivo para a criança, pois irá contribuir positivamente para que ela estruture sua independência, sua autonomia e estimule a sua socialização.

Dessa forma, se faz necessário que o profissional de Educação Infantil tenha consciência do seu papel como educador, caso contrário, sua prática não irá favorecer práticas significativas junto às crianças. E esse tem sido um grande problema, pois como afirma Cruz (1996, p.82)

[...]em vários estados do país há altas taxas de professores considerados leigos, Isto é, sem titulação necessária; e um grande contingente de profissionais que lidam diretamente com as crianças nas creches sequer concluiu a escolaridade fundamental.

Sendo assim, como garantir os direitos das crianças se os professores não tem formação adequada ou formação nenhuma? Dessa forma se faz urgente que esses profissionais tenham no mínimo a formação adequada exigida por lei que é o Ensino Médio na modalidade Normal. Infelizmente só a formação não garante a realização de uma Educação de qualidade, pois tanto o Ensino Médio na modalidade normal como a formação a nível superior em pedagogia não oferece disciplinas específicas para a educação e o cuidado com crianças pequenas. Além de uma formação de qualidade, os professores precisam de condições salariais dignas, de espaço físico, materiais suficientes e de qualidade, garantindo dessa forma, tanto os seus direitos como os das crianças com as quais irá trabalhar.

Podemos, então, afirmar que a educação Infantil é de fundamental importância para o desenvolvimento das crianças pequenas. Mas, para que isto aconteça na prática, é preciso que a rotina seja desenvolvida em espaços o mais adequados possíveis, garantindo à criança conforto, segurança e que tudo seja colocado a ela da melhor forma possível sem rigidez ou qualquer alienação. Ainda sobre isto, Barbosa (2006, p. 39), afirma: “ao criar a rotina, é fundamental deixar uma ampla margem de movimento, se não encontraremos o terreno propício à alienação”. A rigidez da rotina é muito presente nas instituições de educação infantil onde as crianças ainda não são o centro do planejamento, onde o adulto mantém uma

relação autoritária e conflituosa com a criança e onde a rotina tem como objetivo manter a disciplina. Como afirma a Secretaria de Educação do Estado do Ceará (2000, v.04, p17):

Rotinas rígidas e não flexíveis desrespeitam a criança e o professor. A organização de uma rotina não é para escravizar e sim libertar as crianças e os professores, para facilitar o dia-a-dia e orientar as ações do professor e das crianças orientando-os no tempo e espaço.

Comumente nas instituições de educação Infantil, as rotinas se apresentam de maneira a controlar as ações dos professores e das crianças tornando-se repetitiva e sem significado. Neste caso se faz necessário refletir essa postura que só desvaloriza o profissional e tira a liberdade da criança em participar dessa organização, pois as mesmas não têm a oportunidade de expressarem suas opiniões e vontades, fatores essenciais para a realização de um cotidiano rico em aprendizagens.

Portanto na Educação Infantil não pode ser qualquer rotina, é oportuno que seja de acordo com as necessidades da criança e de suas especificidades, daí a necessidade da mesma ser bem elaborada e fundamentada nesses princípios, pois segundo Barbosa (2006, p.36), “A presença significativas das rotinas nas práticas de Educação Infantil acabou por constituí-la como categoria pedagógica central, mas que é tão pouco estudada e explicitada”. Partindo desde princípios, procuramos analisar como é importante e fundamental a compreensão das realizações das atividades pedagógicas exercidas durante a rotina pelas instituições infantis de creche. Barbosa (2006, p.35) coloca: “A importância das rotinas na educação infantil provém da possibilidade de construir uma visão própria como concretização paradigmática de uma concepção de educação e de cuidado”. Muitos professores ainda tem uma concepção muito restrita do que seja o educar e cuidar na educação infantil. Para esses, o cuidar se refere aos cuidados físicos e o educar relacionado à transmissão de conteúdos escolares. Contudo, as DCNEI orientam que esses dois fatores são indissociáveis e que vai além dos cuidados físicos e dessa transmissão de conteúdos, é a garantia do acesso a todas as necessidades das crianças e do direito às aprendizagens de diferentes linguagens.

Barbosa (2006, p.35) afirma: as rotinas sintetizam o projeto pedagógico das instituições infantil e apresentam a proposta de ação educativa dos profissionais. Sendo assim, considera-se que a rotina é uma maneira de organizar o tempo de atividades e prática pedagógica nos cotidianos das instituições infantis.

Pode-se dizer que a rotina facilita o trabalho por parte dos profissionais da educação não só nas salas de aula, mas também em toda a instituição por proporcionar uma melhor

organização e planejamento das atividades trabalhadas no decorrer do dia, trazendo conforto, segurança, e organização da ação pedagógica para crianças de três anos.

A rotina permite que sejam desenvolvidas ricas variedades de interações sociais entre as crianças, fazendo com que elas construam noções de tempo e espaço, coletividade, compreensão de mundo e organização. Craidy (2001, p.67-68) afirma:

Os espaços da rotina precisam ser alegres, divertidas, diversificadas, prazerosos limpos e agradáveis dando oportunidade para que a criança aprenda durante a sua rotina coisas simples do dia-dia proporcionando-a flexibilidade para elas ter controle do que irá acontecer. Em especial, respeitando suas fases de aprendizado, não podemos exigir algo muito distante das crianças menores de três anos, pode-se dizer que em nossa cultura é bastante nova a ideia de educar bebês em ambiente coletivo, porém, as organizações desses espaços precisam dar oportunidade de experiências variadas sobre todo o desenvolvimento motor, afetivo, cognitivo tratando-as como crianças e não como “adultas em miniaturas.

Partindo destes princípios, é preciso analisar como é importante e fundamental a compreensão da importância dos espaços onde acontecem as diversas atividades pedagógicas exercidas durante a rotina pelas instituições de educação infantil. Esse espaço deve ser bem organizado, com materiais suficientes, brinquedos variados os quais as crianças possam interagir com os objetos e o ambiente e que o professor possa ser mediador, contribuindo assim, para o desenvolvimento infantil

Esses requisitos facilitam um bom trabalho junto as crianças, porém outro fator importante é a proposta pedagógica embasada nas teorias das fases do desenvolvimento infantil, também deve constar nesta proposta as concepções claras sobre criança, educação infantil e rotina, tudo bem elaborado e com a participação de todos que compõe a instituição. Uma proposta que abranja a criança sem discriminá-la por pertencer a família de baixa renda e que venha a favorecê-la com uma educação de qualidade e não desmerecer suas competências e os seus direitos previstos pela a LDB.

Como afirma Craidy (2001, p.67-68) :

porém, as propostas pedagógicas desenvolvidas devem auxiliar nas descobertas das crianças para as coisas simples do dia-dia, especialmente quando se trata de crianças de classes populares, muitas vezes essas práticas estão voltadas para atividades que tem como objetivo educar para a submissão, ao silêncio e a obediência nas series iniciais.

Romper com essa visão preconceituosa é muito importante, pois a mesma dificulta a realização de um trabalho de qualidade para as crianças, fazendo com que os profissionais esqueçam que a educação é um direito adquirido por lei e não um favor prestado às crianças pobres e que deve ser cumprido na prática.

Entretanto é preciso que os professores compartilhem de “ uma pedagogia que favoreça as interações das crianças, a construção da sua autonomia, a exploração e a manipulação de materiais, símbolos da sua cultura” ( Machado, 1998 , p.14)

Para tanto, a proposta pedagógica da instituição de creche e pré-escola devem garantir uma educação promotora do desenvolvimento da criança, não podendo se restringir à aprendizagens de conteúdos escolares ou para a preparação à vida adulta.

### **3 METODOLOGIA**

O capítulo a seguir, descreve a abordagem da pesquisa, a opção pelos sujeitos, a descrição dos mesmos e como foram realizadas as entrevistas com as professoras de creche, fator essencial na realização desse trabalho.

#### **3.1 Abordagem da pesquisa**

Essa pesquisa se caracteriza como qualitativa na medida em que

(...) a abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamentada e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza: ela se volta com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos autores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas. (Minayo apud Sanches, 1993, p.224)

Por meio dela, foi possível compreender as concepções das professoras de creche sobre rotina, educação infantil, creche, infância. Também foi possível analisar o que as professoras levam em consideração na construção da rotina.

#### **3.2 Os sujeitos da pesquisa**

A pesquisa foi realizada com duas professoras da mesma instituição e que trabalham com a turma de três anos (creche). Fizeram parte dos meus critérios o tempo de trabalho e a formação de cada uma. Essa escolha se deu baseada no pressuposto de que as concepções a serem verificadas se distinguem, pois tem a ver com a forma de como enxergamos o mundo a nossa volta, do tempo de prática de sala de aula e do tipo de formações que recebemos, já que esses conceitos são socialmente construídos em meio às interações. Pois acredito que um profissional bem formado e com uma experiência maior, ele poderá desenvolver um trabalho diferenciado sem esquecer que isso apenas não é o suficiente, porém, o compromisso, competência e habilidade também favorecem ao bom desempenho desse profissional.

Com relação a formação das docentes escolhidas para a pesquisa, uma é graduada em Pedagogia e que ingressou nessa instituição através de concurso público há cinco anos. A outra tem o curso normal, somente agora começou a cursar pedagogia, mas com um tempo

maior de prática de sala de aula, ela já está nesta instituição há 13 anos. Também fez parte dos meus critérios o tempo de trabalho, uma com mais tempo de serviço e a outra com menos

A opção pela creche pública se deu porque esta é a única opção de atendimento das famílias de baixa renda e é preciso que este atendimento seja de qualidade, atendendo a todas as necessidades das crianças.

### 3.3 Descrição dos sujeitos

**Maria da Conceição**<sup>1</sup>, professora da creche municipal da cidade de Juazeiro do Norte, tem 34 anos, é separada, tem dois filhos, um menino de 12 anos e uma menina de 14 anos. Ela está cursando pedagogia na UVA - Universidade Estadual Vale do Acaraú - e diz que “esse curso é realmente isso, preparação para trabalhar com crianças”. Iniciou na educação infantil em 1999 através de concurso público, e nunca trabalhou em outra etapa da educação. No início de sua experiência, ela tinha apenas o magistério, e afirma que, “antes, só com o pedagógico, eu me sentia preparada um pouco porque também é isso aí, depois vem a preparação maior com a faculdade”. Em relação à formação continuada, deixa claro que o Programa Alfabetização na Idade Certa - PAIC - formação oferecida pelo município, é totalmente fora da realidade da sua escola. Em seguida, todavia, diz que contribui muito: “ele passa muita coisa interessante, né, principalmente aquela tal da rotina, aquele planejamento, aquela rotina organizando, as horas, uma coisa vai puxando a outra”.

**Joana Dar´c** também é professora da creche municipal da cidade de Juazeiro do Norte, tem 33 anos, é solteira e não tem filhos. É formada em pedagogia pela URCA- Universidade Regional do Cariri - e quando foi solicitada a responder se sua formação lhe preparou para trabalhar com crianças, as informações não foram precisas:

Na verdade é muito fácil, né, a gente fala muito em teoria e a prática mesmo é que a gente vai ver realmente aquelas teorias que agente viu. Então, teoria e prática têm sempre que andar juntas. Teoria é uma coisa, prática é outra. Mas [o curso] foi fundamental. É uma área que me identifico e gosto bastante de trabalhar com crianças.

---

<sup>1</sup> Para preservar o anonimato das entrevistadas, seus nomes, aqui, são fictícios.

Joana já trabalhou com o fundamental II, e relata que foi bastante difícil trabalhar com adolescentes. Em relação à formação continuada, ela também participa do PAIC e diz gostar muito, ressaltando que “se realmente nós, professores, agarramos [a proposta do PAIC] com toda a força, a gente faz um bom trabalho, né.”.

### 3.4 As entrevistas / a pesquisa de campo

Com o intuito de compreender a concepção das professoras de creche sobre rotina, criança e educação infantil, foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada para realizar com as duas professoras.

“uma entrevista consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas (Morgan, 1988), dirigida por uma das pessoas, com o objetivo de obter informações sobre a outra. No caso de investigar qualitativo, a entrevista surge com um formato próprio (BURGESS, 1984, PP 101 – 121).”

A entrevista semiestruturada é pertinente porque combina perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que interessa, fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados.

A principal vantagem da entrevista aberta e também da semiestruturada é que essas duas técnicas quase sempre produzem uma melhor amostra da população de interesse. Ao contrário dos questionários enviados por correio que têm índice de devolução muito baixo, a entrevista tem um índice de respostas bem mais abrangente, uma vez que é mais comum as pessoas aceitarem falar sobre determinados assuntos (SELLTIZ et alii, 1987).

Para realizar as entrevistas, fui até a instituição convidar as duas professoras que trabalham com as turmas de creche. Conversei com elas e pedi permissão para usar o gravador como forma de registrar a nossa conversa. Enfim, aceitaram e eu aproveitei para visitar toda a instituição. Era 08h40min da manhã, as crianças do berçário estavam assistindo TV (Patati Patatá), algumas choravam querendo colo e a professora justificava dizendo que eles precisavam acostumar a ficar no chão. As crianças estavam sentadas com a professora cantando canções de seu cotidiano, não pude ver nenhum brinquedo, se existiam estavam dentro do armário, nenhuma criança estava a manusear objeto algum. Pude perceber que na instituição era impossível realizar as entrevistas por conta do espaço muito pequeno e elas

também não tinham com quem deixar as crianças. Então marquei com uma professora em minha residência e com a outra em sua própria residência. Houve um pouco de resistência, ficaram sem querer aceitar, argumentei que não se preocupassem, pois o nome delas e da instituição apareceriam de forma fictícia e que eu não tinha pretensão nenhuma de expô-las.

No dia seguinte às 17h30min fui à casa da professora Maria da Conceição, ela estava em casa com seus dois filhos, o espaço era muito bom para nossa conversa. A mesma se mostrou mais a vontade do que a Joana Darc, a entrevista durou cerca de 40 minutos também.

À noite, a professora Joana Darc foi à minha casa como havíamos combinado. Reservei um espaço silencioso em que pudéssemos conversar sem interrupções. De início, ela demonstrou-se um pouco tensa, mas logo relaxou, a entrevista durou cerca de 40 minutos.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo trata das concepções das professoras entrevistadas sobre rotina, criança, Educação Infantil e outros fatores considerados importantes para Educação Infantil.

As falas a seguir representam o que as professoras consideram como sendo o objetivo da Educação Infantil:

É como se fosse o alicerce, né. É o alicerce de tudo a educação infantil. A criança vai se adaptando com as outras, é um mundo diferente (CONCEIÇÃO).  
Nossa, a educação infantil, acredito, é o princípio de tudo. É lá que você vai desenvolver na criança o desenvolvimento. Então a gente ver que o brincar, como é importante o brincar, o movimento do nosso corpo que vai nos tornar adultos capazes de realizar qualquer tipo de atividade. Então é importante a educação infantil. É a base de tudo (JOANA)

Observa-se que as duas professoras atribuem um papel importante à Educação Infantil, considerando-a o “alicerce”, “a base de tudo”. Entretanto, na fala da professora Joana, as atividades desenvolvidas com as crianças parecem ter o objetivo principal de prepará-las para a vida adulta, o que induz à ideia da Educação Infantil como etapa preparatória e do professor como aquele que irá “desenvolver na criança” suas potencialidades, delegando a ela um papel passivo diante do seu processo de desenvolvimento.

Certamente, as concepções das professoras sobre os objetivos das creches e pré-escolas, bem como sobre a clientela atendida nesses locais, interfere no momento em que elas elegem as atividades mais importantes no decorrer da rotina e, portanto, devem ser fonte de reflexão constante.

Em relação à importância das crianças frequentarem a Educação infantil, as professoras dizem:

Maravilhoso! É muito bom a criança na educação infantil porque ela vai sair daquele mundo da casa, da família dela e vai participar de outro mundo fora. (CONCEIÇÃO).

Nossa, é importantíssimo. A gente vem vendo a evolução. Antigamente a educação infantil não era bem assistida, era só o cuidar e hoje a concepção mudou porque a gente agora cuida e educa (JOANA).

As duas professoras concordam que é importante às crianças frequentarem a Educação Infantil. A professora Conceição ressalta as possibilidades de interação, fora do ambiente familiar, que a criança pode ter ao frequentar essa primeira etapa da Educação Básica.

De fato, a Educação Infantil, como um contexto de desenvolvimento, é um lugar privilegiado para que, através das interações, as crianças aprendam a articular os próprios interesses e pontos de vista em relação aos demais, priorizando a vida em coletividade através, por exemplo, da colaboração, solidariedade, oposição/conflito e respeito. (COSTA, 2011).

A professora Joana, por sua vez, destaca a “evolução” da Educação Infantil ao longo dos anos, ressaltando as duas funções das creches e pré-escolas: o cuidar e o educar. Entretanto, observa-se a superficialidade na fala da docente, uma vez que ela firma que antes “era só o cuidar”, desconsiderando a indissociabilidade dessas duas ações.

Kramer (2005) chama a atenção para o fato de que o binômio cuidar e educar algumas vezes sugere a idéia de duas dimensões independentes: uma relativa ao corpo, sem levar em consideração o fato de que a atividade de cuidar não se restringe à higiene, mas engloba a saúde como um todo, os afetos e os valores morais<sup>2</sup>, e a outra aos processos cognitivos. Para a autora, “a pedagogia, voltada para o ensino e o trabalho com as idéias, não sabe como lidar com a materialidade do corpo.” (KRAMER, 2005, p.65). Além disso, não se pode esquecer de que o cuidar está historicamente vinculado à assistência e ao corpo, tarefa delegada à pessoas desqualificadas profissionalmente.

De acordo com Kuhlmann Jr. (1998), as creches nunca tiveram um caráter exclusivamente assistencial, mas também eram, no sentido mais amplo, educativas. Da mesma forma, os jardins de infância não eram exclusivamente pedagógicos. Segundo esse autor, a área educacional e a assistencial se faziam e se fazem presentes nos dois casos.

Ao se referirem à principal função da creche em que trabalham, temos as seguintes declarações:

A função principal da creche é acolher crianças de várias idades. Isso aí é a função principal, acolher crianças (CONCEIÇÃO).

A função principal: formar cidadãos, juntamente com a família. (JOANA).

Apesar de trabalharem na mesma instituição, as docentes têm ideias diferentes em relação à função da creche.

A professora Conceição enfatiza o acolhimento das crianças como sendo a função mais importante da instituição. Segundo Kuhlmann Jr. (1998), esse é realmente um papel

---

<sup>2</sup> A atenção individualizada à criança, por exemplo, também é uma forma de cuidado. Assim, quando a professora atenta para a sua fala, aos seus desejos, quando lhe dá colo e aconchego, pode-se dizer que está cuidando dela.

importante de todas as instituições de educação. Para o autor, as funções de guarda, cuidado e proteção, juntamente com a função de educar, são inerentes a todas as instituições de educação, especialmente aquelas que cuidam e educam crianças pequenas tendo em vista o seu desenvolvimento global. Chama a atenção, ainda, para o fato de que as famílias, além de almejarem uma boa educação para seus filhos, querem, também, que eles fiquem “bem guardados” enquanto estiverem na creche ou pré-escola.

Entretanto, como não menciona o caráter educativo entre os objetivos da creche, a professora não parece perceber que toda ação de cuidado envolve, também, a educação, ou seja, que todas as situações vivenciadas na creche educam as crianças, mesmo que não tenham sido planejadas intencionalmente para tal. (OLIVEIRA, 1996)

A professora Joana, por sua vez, ao ressaltar que a função da creche é formar cidadão, parece não se dar conta de que as crianças já são cidadãs, inclusive com direitos reconhecidos legalmente. Por outro lado, quando menciona o papel da família na formação desse cidadão, a professora chama atenção para um aspecto importante expresso na LDB (BRASIL, 1996) qual seja a necessária parceria entre as instituições e as famílias das crianças.

Nesse sentido, como lembram Gandini e Edwards (2002), é importante que o professor compartilhe sua responsabilidade com os pais sem perder de vista sua função, ajudando as famílias a se sentirem importantes, compreendidas e apoiadas. Assim, elas poderão ficar mais tranquilas e mais capazes de transmitir sentimentos de confiança aos seus filhos. Como parceiros das famílias, os professores precisam ser afetuosos, pacientes e compreensivos com suas dificuldades em deixar seus filhos na instituição. Ao mesmo tempo, podem ajudá-las a compreender a validade desse esforço, já que colocam à disposição da criança um ambiente novo e potencialmente rico em possibilidades de interação, aprendizagem e desenvolvimento.

Assim, é interessante que o professor assuma uma função em que as famílias e a comunidade também sejam contempladas e não exclusivamente as crianças.

Em relação ao fato da creche estar cumprindo bem a sua função, as professoras afirmam:

Talvez não, por falta de espaço. Não é, assim, uma coisa bem adequada, eu não acho, principalmente ali (CONCEIÇÃO).

Olha a gente tenta né, porque a maior dificuldade é alguns pais que não concordam com algo que a gente faz. Sempre critica e nunca chega junto pra ver algo, criticar pra transformar e não criticar pra destruir. Eu acho que o que eu vejo é isso, que muitos pais não tem essa importância de nos ajudar na educação infantil. Entrevistadora- Por que você acha que os pais não ajudam? Eu acredito que é por

que eles não têm tempo. Eles sempre dizem que não tem tempo, que não tem paciência. Eu não gosto muito de falar a questão deles não terem conhecimento, por que a gente sabe que tem informações bastantes, tem pais que não tem leitura, mas já tem o filho que tem certo conhecimento e já pode ajudar. Há informação bastante e o que eu vejo é a questão da comodidade, os pais se acomodam, por ser muito difícil, não tem paciência. Então eu vejo isso! Não é questão de informação (JOANA).

Analisando as falas das professoras, observa-se que elas não se implicam no não cumprimento da função que acreditam ser a principal da instituição em que trabalham.

Acreditando que a função principal da creche é acolher as crianças, Conceição delega ao espaço inadequado a culpa por não estar conseguindo cumprir essa função.

Realmente o espaço é importante para que as crianças aprendam e se desenvolvam de forma plena. Zabalza (1998), por exemplo, inclui a organização dos espaços entre os dez aspectos-chave de uma EI de qualidade. Para ele, a organização dos espaços é condição básica para que muitos dos outros aspectos (como o estabelecimento de uma rotina estável, a atenção individualizada a cada criança e o trabalho com as famílias, dentre outros) possam ser levados adiante.

Entretanto, é necessário diferenciar espaço de ambiente. Segundo Horn (2004), o termo ambiente refere-se ao conjunto do espaço físico e às relações que nele se estabelecem, sejam elas afetivas, interpessoais, entre as próprias crianças, crianças e adultos e com a sociedade em geral. O espaço físico, por sua vez, constitui um pano de fundo em que se introduzem as emoções. Assim, o espaço pode ser ou não um ambiente onde a criança pode criar, imaginar e construir. Da mesma forma, ele pode ser ou não, para a criança, um lugar acolhedor e prazeroso onde ela possa brincar e sentir-se estimulada e feliz. Enfim, o espaço pode ser, para a criança, por exemplo, um lugar de liberdade ou de opressão.

Provavelmente, Conceição não percebe essa diferença e, portanto, não assume o seu papel enquanto promotora de um ambiente acolhedor para as crianças.

A professora Joana, como visto anteriormente, acredita que a principal função da creche é contribuir na formação de cidadãos em parceria com as famílias. Entretanto, ressalta que essa função não está sendo cumprida por culpa dos pais que, segundo ela, dificultam o trabalho realizado ou são descomprometidos em relação à educação dos seus filhos.

Tal situação, em que os professores recriminam atitudes dos pais que eles consideram inadequadas, é comum no cenário brasileiro, como atestam algumas pesquisas (DIÓGENES, 1998; ANDRADE, 2007, entre outras). Tais ensaios evidenciam que, mesmo conhecendo

pouco as famílias das crianças, os professores revelam ter uma visão muito preconceituosa em relação à elas, especialmente em se tratando das famílias mais pobres. Isso, sem dúvida, dificulta para que uma relação de parceria e respeito seja construída, ou seja, vai à contramão do que Joana pensa ser o objetivo da creche.

Ao falarem sobre as crianças com as quais trabalham, as professoras dizem:

Todas maravilhosas. Adoro trabalhar na creche. Eu sei pouco sobre elas [crianças]. São todas da comunidade. Conheço pai e mãe. Não sei muita coisa não (CONCEIÇÃO).

Atualmente eu estou trabalhando com crianças de três anos e é belíssimo. São crianças muito afetivas. A gente vê o carinho e a segurança que elas têm com agente. Às vezes fico irritada, tem criança que é bastante elétrica, mas a gente sabe, que tudo que a criança faz é de fundamental importância pra sua vida. Algumas crianças são criadas apenas pela avó. A gente sabe que o conceito de família mudou, mas a essência da família tem que prevalecer. A questão do bom senso, que os primeiros professores são os pais, questão da disciplina. Nós professores, somos mais, tipo é a gente que vai aperfeiçoar esse conhecimento que a família coloca também na criança. A gente vai ajudar essa criança a ser um bom cidadão. (JOANA).

Observa-se, na fala das professoras, que nenhuma delas descreve as crianças como sujeitos ativos e criativos, como capazes de aprender.

Ao destacar que todas as crianças são “maravilhosas”, a professora Conceição parece desconhecer as características particulares das crianças com as quais trabalha, agrupando todas dentro de um mesmo perfil. Da mesma forma, afirma não saber “muita coisa” das suas famílias, o que é preocupante, tendo em vista que ter uma estreita relação com as famílias das crianças faz parte das especificidades do professor de Educação Infantil (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2002).

A professora Joana destaca a afetividade e a segurança que as crianças demonstram em relação a ela. Segundo a docente, mesmo em momentos de irritação por conta de as crianças serem muito “elétricas”, ela consegue conter suas ações porque acredita “que tudo que a criança faz é de fundamental importância pra sua vida”.

A ação da professora tem respaldo na teoria walloniana. Segundo Wallon (1981), razão e emoção são antagônicos. A partir daí pode-se concluir que, quanto maior clareza o professor tiver sobre os fatores que provocam as situações de grande emoção, maiores possibilidades ele terá para controlar suas reações emocionais e, conseqüentemente, encontrar possíveis soluções para resolvê-las. Segundo Galvão (2008), tendo consciência de que é um elemento nitidamente diferenciado do restante do grupo e, portanto, alvo privilegiado para o

exercício da oposição, o professor poderá receber com maior distanciamento as atitudes de oposição, sem tomá-las como uma afronta pessoal.

Assim, conhecer as crianças, saber suas características, interesses e desejos, conhecer suas famílias e respeitá-las é essencial para que o professor de Educação Infantil exerça bem sua profissão.

Para Dantas (2005. p.02-03 Grifos do autor)

Desconhecer as possibilidades da criança ou desconhecer a criança é uma forma de desamor. Então, de novo o Wallon nos ajuda quando diz que, a partir de um dado momento, amar a criança é conhecê-la. Aí, a gente tende a conhecer o que ama e amar o que conhece. Então, uma forma importante do amor é conhecer, saber o nome do cachorro dela, quantos irmãos ela tem. Saber que o Piaget diz que ela não pode acertar perguntas do tipo: “o que tem mais, pessoas ou mulheres?”, aos cinco anos. Então, é essa a forma mais requintada de amor que a gente precisa desenvolver em si mesma. E felizmente, eu acho que para nós profissionais, existe essa possibilidade de amor cognitivo, de amar uma criança simplesmente se informando como ela vive, quantos irmãos ela tem etc., porque a nossa profissão é, sob este aspecto, surrealista. É condição de trabalho pra nós, amar o nosso objeto de trabalho, “objeto” que deve ser o sujeito. Nós só podemos exercer a nossa profissão bem se nós amarmos as crianças. Se você não amar o seu “objeto” de trabalho você não realiza competentemente sua tarefa. Então é uma exigência pesada sobre nós.

É necessário destacar, entretanto, que conhecer as crianças requer dedicação e estudo. É preciso “entender para atender” (DANTAS, 2005). Esse, infelizmente, não parece ser o caso das professoras entrevistadas.

Ao mencionarem o que pensam sobre a rotina, as professoras dizem:

A rotina é a preparação ali de cada dia, né, cada coisa que você vai ter [tudo] igual naquele momento. Porque antes era uma coisa que eu me perdia muito antes de preparar essa rotina. A gente começava a aula, aí depois deixava aqueles meninos um tempão todo, né. Agora devido a essa rotina eu achei maravilhoso. Ela serve para organizar cada aula, cada tempo, pra ninguém perder tempo e a criança não se estressar com tanta besteira. (CONCEIÇÃO)

A rotina é o seu planejamento durante a aula, né. E pra que ela serve? Pra gente ter, tipo assim, uma organização dos tempos pra tal coisa, atividades, explicações, brincadeiras, oficinas. (JOANA)

Observa-se que ambas as professoras confundem rotina com planejamento. Contudo, nenhuma fala da rotina como um elemento que irá proporcionar à criança estabilidade e segurança.

Nesse sentido, é necessário lembrar o que diz Barbosa (2006, p.38).

(...) rotina é uma categoria pedagógica utilizada na instituição educativa para auxiliar o trabalho do educador, sobretudo, para garantir que a criança seja atendida em suas necessidades básicas. Mas é também uma forma de assegurar a tranquilidade do ambiente, uma vez que a repetição das ações cotidianas sinaliza às crianças cada situação do dia. A repetição de certos enquadre de certas ações, de

determinadas práticas dá estabilidade e segurança aos sujeitos. Saber que depois de determinada tarefa ocorrerá outra, dá um certo sossego às pessoas, sejam elas grandes ou pequenas.

Assim, a rotina é um elemento importante para o bom desenvolvimento da criança. Entretanto, ao ressaltar que na rotina “você vai ter [tudo igual] naquele momento”, Conceição parece ter uma visão semelhante ao que Barbosa (2006) identifica como sendo uma rotina rotineira, ou seja, que se repete indiscriminadamente, o que não é positivo para as crianças, uma vez que “o excesso de rotinização impede a exploração, a descoberta, a formulação de hipóteses sobre o que está para acontecer”. (BERTOLINE, *apud* BARBOSA, 2006).

Assim, para que não se torne rotineira, a rotina precisa de planejamento. Planejar na Educação Infantil é pensar em um contexto educativo, envolvendo atividades, interações, brincadeiras e outras situações desafiadoras e significativas, que favoreçam a criança, a exploração, a descoberta, a apropriação de conhecimentos sobre o mundo físico e social, a construção de aprendizagens e o bem estar. (OSTETTO, 2002).

Percebe-se, então, que rotina e planejamento não são sinônimos, mas ambos se constituem como elementos importantes para que a Educação Infantil se configure, de fato, em um contexto de aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

Quando foram solicitadas a descrever a rotina, as professoras disseram:

Às 07h é a acolhida quando eles chegam e vai até 07h30min. Depois de 07h30min tem a hora da rodinha, a hora da história, da conversa. Depois a gente explica o conteúdo, aí tem o primeiro lanche, aí escovamos os dentes e vamos fazer a primeira atividade. Aí vem já a hora do almoço e as crianças pedem pra escovar de novo, parece que muitos não escovam em casa. Às 10h45min a gente está arrumando a mochila pra ir pra casa. (CONCEIÇÃO).

A minha rotina tem acolhida, agente faz a acolhida com as crianças. Umas são mais afetivas, chegam e te abraça te beija né, te recebe com palmas, com gritos é uma festa. Agente faz depois a questão que é importantíssima é o momento da roda de conversa. É onde a criança vai expor o que fez no dia anterior, os acontecimentos que ela vivenciou na casa, na verdade nós... é o momento que as crianças expressam o que elas sentem e agente vai organizar outros tipos de trabalho, atividades, brincadeiras. Porque a rotina é flexível, tem dia que dá certo, tem dia que não, né.

Os horários também, se é uma atividade ou uma brincadeira que interessa a criança, lógico que vai demorar mais tempo, do que aquele tempo que agente organizou. Mas é muito bom trabalhar com rotina. A contação de história também, que é importante ouvir as crianças no momento da gente contar história. (JOANA)

As professoras têm uma rotina bastante intensa, preenchendo todo o tempo das crianças. No entanto, a professora Joana descreve com mais detalhe, e enfatiza momentos

importantes na rotina, como: a roda de conversa, as brincadeiras e a rotina flexível, fatores de grande importância no atendimento às crianças pequenas.

No entanto, a professora conceição parece não perceber esse caráter flexível da rotina, tornando-a repetitiva, causando um grande dano as crianças, Conforme lembra Horn (2001, p. 68),

O cotidiano de uma Escola Infantil tem de prever momentos diferenciados que certamente não se organizarão da mesma forma para crianças maiores e menores. Diversos tipos de atividades envolverão a jornada diária das crianças e dos adultos: o horário da chegada, a alimentação, a higiene, o repouso, as brincadeiras – os jogos diversificados – como o faz-de-conta, os jogos imitativos e motores, de exploração de materiais gráficos e plástico – os livros de história, as atividades coordenadas pelo adulto e outras. Todos os momentos sejam eles desenvolvidos nos espaços abertos ou fechados, deverão permitir experiências múltiplas, que estimulem a criatividade, a experimentação, a imaginação, que desenvolvem as distintas linguagens expressivas e possibilitem a interação com outras pessoas.

Dessa forma, faz-se necessário planejar todas as atividades que acontecerão durante o dia em que as crianças estão na creche, desde a acolhida até o momento de chegada dos pais, não com o objetivo de preencher o tempo, mas de promover o desenvolvimento integral de todas elas.

Ao falarem da organização da rotina, quem organizou, e há quanto tempo ela está organizada assim, as professoras relatam o seguinte:

Essa rotina veio de lá da secretaria de educação, até que foi no encontro do PAIC que eles passaram o modelo aí cada um foi fazer a sua rotina de acordo com a realidade da sua escola, porque tem a hora do parquinho né e aí a gente não tem. Então foi a secretaria de educação que providenciou essa rotina e a gente adaptou a nossa realidade. (CONCEIÇÃO).

A questão da rotina na educação infantil iniciou há quatro anos atrás né, por que essa formação do PAIC que trabalhou essa questão da rotina. Antigamente agente fazia o nosso planejamento simples mesmo né, sem ter essa questão do tempo, do horário, cantinho tal e tal né. Com essa rotina desse projeto de alfabetização, ficou mais organizado. Antes agente fazia o nosso plano como agente apreendeu, com os objetivos, conteúdo, metodologia, recursos que agente utilizava e avaliação. Hoje agente tem essa rotina organizada, por exemplo: a hora da acolhida tal hora a tal hora, a hora do lanche, a hora da brincadeira e com vais se trabalhar tal assunto na semana. (JOANA).

Os depoimentos acima relatam uma rotina trazida de fora para dentro da instituição. Sobre isso, Barbosa (2006, p.35) afirma que

na prática educativa de creches e pré-escolas, está sempre presente uma rotina de trabalho, que pode ter autorias diversas: em alguns casos, são normas ditadas pelo

próprio sistema de ensino; outras vezes pelos técnicos ou burocratas dessas repartições; outras ainda, pelos diretores, supervisores ou professores e demais profissionais da instituição e, em certas escolas, também as próprias crianças são convidadas a participar da elaboração das normas.

Podemos perceber que as professoras seguem a rotina elaborada pelo PAIC, mas que está faltando reflexão sobre essa rotina, pois a mesma parece ter como objetivo maior a organização do tempo de cada atividade proposta pelas docentes. A professora Joana diz que antes do PAIC não existia essa questão do tempo, que para ela parece ser tão importante.

A professora Conceição fala que cada uma faz a adaptação de acordo com sua realidade, mas em relação ao espaço físico. Em nenhum momento nenhuma das professoras fala em modificação da rotina levando em consideração as crianças: seus desejos e suas necessidades.

No entanto, o mais interessante é que as rotinas sejam elaboradas junto com as crianças, pois segundo Craidy (2001, p.67-68):

A idéia central é que as atividades planejadas diariamente devem contar com a participação ativa das crianças garantindo às mesmas a construção das noções de tempo e de espaço, possibilitando-lhes a compreensão do modo como as situações são organizadas e, sobretudo, permitindo ricas e variadas interações sociais.

Faz-se urgente que as crianças possam ter o direito de serem ouvidas e respeitadas em suas prioridades. Somente assim, as rotinas desenvolvidas nas creches poderão desenvolver a valorização de cada uma das crianças que frequentam essas instituições.

Quando solicitadas a falarem o que acham da rotina, ou pra que serve, as professoras relatam o seguinte:

Para eles terem noção de horário né, noção de cada coisa no seu tempo, principalmente pra eles que já são maiores do que o infantil **I** e **II**, eles já tem noção que na hora de fazer a tarefa é só a tarefa e na hora de brincar, só brincar. Eu acho muito boa a gente fazer e cumprir a rotina. Agora quando faz bem bonita e bota na parede só na ficção... A minha eu digitei e tá lá prontinha no meu caderno, então a coordenadora fica me cobrando porque eu não coloco a minha na parede e eu digo a ela que o importante né, eu ter no caderno e cumprir, não vale a pena a gente fazer e não cumprir. (CONCEIÇÃO)

Nossa, no início foi difícil, porque agente era costumada ao nosso planejamento. Mas agente está mais familiarizada, mais acostumada, é tanto que agente já desenvolve com mais facilidade os dias da semana, os horários dessa rotina. Foi

ótimo, é um projeto que vem dando certo realmente para os professores que querem realmente fazer um bom trabalho. (JOANA)

Como as duas professoras acreditam que a rotina é a mesma coisa que planejamento, parece que tudo ficou mais fácil. Não há mais o que se planejar, pois a rotina precisa está exposta na parede e seguida fielmente. A professora Conceição diz que a rotina serve para que as crianças tenham “noção de horário né, noção de cada coisa no seu tempo”. Já a professora Joana afirma que a rotina serve para facilitar o que será feito durante a semana levando em consideração os horários. Essas afirmações das professoras limitam a real função da rotina que vai além do que elas acreditam. As mesmas parecem acreditar que suas rotinas não podem permitir que as crianças possam e devam ter oportunidades de fazerem atividades diferenciadas ao mesmo tempo. Para elas, todos têm que fazer tudo na mesma hora e do mesmo jeito, seguindo as suas ordens sem direito a opinar ou discordar. As professoras falam como se a palavra rotina fosse nova para elas. Como se antes dessas serem enviadas pela secretaria, o que elas faziam diariamente, mesmo sem saber, era rotina. É como se de repente elas estivessem recebido a solução de um grande problema. As professoras acham que a rotina é boa, pois facilita a vida das mesmas. Nenhuma delas fala da importância da rotina para o desenvolvimento das crianças. A rotina vai além do que foi falado pelas professoras, pois segundo Barbosa:

Organizar o cotidiano das crianças na Escola Infantil pressupõe pensar o que o estabelecimento de uma seqüência básica de atividades diárias é, antes de mais nada, o resultado da leitura que fazemos do nosso grupo de crianças, a partir principalmente de suas necessidades ( 1999, P. 67).

Sendo assim, as falas das professoras evidenciam que, na instituição em que trabalham, a rotina não parece favorecer experiências que permitam o desenvolvimento integral das crianças, pelo contrário, parece que tem como objetivo controlar e disciplinar, pois suas práticas se limitam a uma rotina que não deixa margem para que os pequenos sejam ouvidos e nem para que elas mesmas reflitam sobre o trabalho que realizam, pois ambas acreditam que está tudo bem e que todos estão muito felizes. Essa é uma visão de concepção de criança passiva, que ainda não é um sujeito e que por isso não tem direito algum, a não ser o de ouvir e obedecer. Sendo assim, a rotina das docentes cumpre mesmo o papel de controle das ações das professoras como das crianças.

Ao se referirem em relação o que as crianças acham da rotina, as professoras afirmam que

Algumas até que gostam, mas têm outras que dizem assim: - "tia nós temos que brincar", na hora da atividade, não vamos olhar aqui na rotina, olhe de 7:30 à 8:30 é a hora da atividade. Algumas já compreende o horário, cada coisa que vão fazer. (CONCEIÇÃO)

Nossa, elas gostam. Pelo menos na minha sala né, eles dizem assim, quando eu esqueço algo: tia ta faltando a chamadinha. É interessante que a criança também entrar na rotina e se vocês esquecer elas lembram. (JOANA)

Mesmo sem consultar as crianças sobre o que elas acham da rotina, as professoras dizem que elas gostam. A professora Conceição fala que algumas crianças se opõem ao momento das atividades, com certeza as de escrita, elaboradas pela professora. Já Joana diz que elas gostam muito da rotina, a ponto de lembrá-la se ela esquecer algum detalhe. Esse fato é importante, pois sabemos que a rotina faz com que as crianças sintam-se seguras, sabendo o que vai acontecer no seu dia-a-dia. Mas isso não quer dizer que tudo tenha que acontecer do mesmo jeito. Segundo Braidy e Kaercher(2001, p.13)

Ao pensarmos em espaço para crianças devemos levar em consideração que o ambiente é composto por gosto, toque, sons e palavras, regras de uso do espaço, luzes e cores, odores, mobílias, equipamentos e ritmos de vidas. Também é importante educar as crianças no sentido de observar, categorizar, escolher e propor, possibilitando - lhes interações com diversos elementos.

Sendo assim, a rotina deve levar em consideração tudo que compõe o espaço da creche. As mudanças dos objetos de lugar, a retirada de móveis para a realização de diversas atividades, tudo feito com a participação das crianças, isso fará com que as mesmas se sintam parte integrante do planejamento. Faz-se necessário também deixar as crianças escolherem com quem brincar, propor as brincadeiras que gostam e, acima de tudo, ter essa relação com o espaço, com os colegas, facilitados pelas professoras. Outro fator importante é abrir espaço para que as crianças falem sobre a rotina, tendo a oportunidade de falarem do que gostam e do que não gostam, não só por falarem, mas com o objetivo de serem trazidas pelas docentes para o centro do planejamento. Essa sim seria uma rotina que buscou bem estar dos que dela participam.

Os relatos abaixo expressam os fatores levados em consideração na elaboração da rotina segundo as professoras:

Primeiramente a realidade da escola. É a primeira coisa que eu vejo. Porque tem a hora de brincar, certas coisas que lá não tem né, então, brinquedos, jogos pedagógicos é uma coisa que não existe. Tem a hora da história, tem uns livrinhos lá que pelo amor de Deus, por que tem a hora da historinha, do conto como se diz, aqueles livrinhos emocionantes que as crianças adoram infelizmente. (CONCEIÇÃO)

Na verdade, é a questão da organização passo a passo, você fica seguro no que você vai fazer e não chega lá aleatoriamente preparando na hora, porque tem todo roteiro, uma organização e através dessa rotina que você vai elaborar estratégia e metodologia pra trabalhar tal conteúdo. (JOANA)

A professora Conceição leva em consideração a realidade da escola, em relação ao que ela não tem, como brinquedos, jogos e outros materiais pedagógicos, mas não demonstra preocupação em mudar essa realidade. A professora Joana leva em consideração a segurança que a rotina lhe trás durante todo o período que passa com as crianças. Nenhuma das professoras diz levar em consideração a criança, suas necessidades e interesses. As falas das professoras mostram uma visão de criança passiva que precisa que o adulto decida tudo por ela, sem lhe dar vez e voz. Dessa forma, acabam por limitar suas ações para melhorar o espaço e seu trabalho junto às crianças. Em nenhum momento falou em espaço, materiais, faixa etária de suas crianças, seus interesses e necessidades como se esses fatores não fizessem parte de todo esse contexto. Segundo Oliveira (2001)

Em geral os ambientes infantis têm sido pobremente planejados, pois geralmente são orientados para atender às necessidades dos adultos e/ ou do grupo como um todo, desconsiderando as necessidades próprias das crianças, principalmente em instituições onde se restringe muito o desenvolvimento da identidade pessoal. (p.118)

Esse parece ser o ambiente das professoras, um ambiente pobremente planejado que nada mais faz do que se pautar nas necessidades dos adultos, ou seja, das professoras que se preocupam muito com conteúdos e esquecem que o mais importante são as relações das crianças e seus pares e da relação delas com as crianças. Pois essas relações são fatores necessários para o desenvolvimento da identidade pessoal de cada criança. Um ambiente que favoreça ao deslocamento das crianças e dos adultos, que possibilite momentos de interação e de individualidade no da realização das atividades, sempre respeitando a individualidade de cada uma. Mas o que realmente acontece na realidade é que os espaços não são estruturados para funcionamento, muitos deles são casas adaptadas sem espaços externos, área verde com parquinhos, que seria o ideal.

As respostas abaixo deixam clara a importância que as professoras dão ao tempo da atividade geralmente feita a lápis e papel, como se esse fosse o ponto principal da rotina,

elaborando estratégias que elas acham importante apenas para esse momento. Vejamos como elas descrevem o que é relevante ao elaborar a rotina:

De que forma? De acordo com o desenvolvimento de cada um. Porque lá na rotina tem aquele tempo certo pra cada atividade. Mas tem uns que são mais atrasados, demora mais né, então eu tenho que ver, tenho que dá mais aquele espaçozinho, porque uns num instante faz, aí tem outros que ficam lá e lá vou eu.

Entrevistadora- por que organiza dessa forma e não de outra? Porque eu vejo que não dá certo, se eu for colocar aquele tempo certo, aí naquele tempo que eu determinar, duas ou três crianças não fizerem aí lá vai eu recolhertudo. Aí eles vão falar que não terminaram a atividade, vão dizer que eu tomei da mão e ainda vai dizer isso em casa, Deus me livre. (CONCEIÇÃO)

(Dúvida ao responder) agente faz o primeiro momento que é a acolhida, cada hora tem uma atividade a ser realizada. Quando o assunto interessa a criança, agente determina um tempo maior e se não der pra terminar esse conteúdo agente passa para o outro dia. Entrevistadora – por que organiza dessa e não de outra? Porque assim o trabalho fica mais organizado passo a passo, as atividades que você vai organizar e os momentos da sua aula. (JOANA)

As professoras não percebem que a rotina inclui todos os momentos desde a chegada das crianças na creche até a saída. Todos esses momentos devem ser cuidadosamente planejados e não só o tempo referente aos conteúdos. As duas professoras consideram atividades apenas o momento das tarefas escritas, como se acolhida, a roda de conversa e o tempo de brincar não fossem atividades, desvalorizando as partes mais interessantes e importantes pras crianças. A professora Conceição deixou claro que se a tarefa não for terminada por algumas crianças, esse tempo pode se estender um pouco mais. Essa fala demonstra a valorização da tarefa escrita na educação infantil desde a creche. Em relação a esse tema

Temos também Dantas, segundo ela “aquiparece crucial o valor pedagógico que se atribui a “tarefa” possivelmente feita com lápis e papel, numa imobilidade desinteressante para criança sabendo que é através do movimento que a mesma expande os seus conhecimentos. Para Wallon, “quem sustenta o pensamento no início é a motricidade, que será depois inibida por ele.”” (Dantas, 1990, P. 15).

Sendo assim, querer manter as crianças concentradas tanto tempo em atividades nada desafiadoras e totalmente insignificantes é que faz desse momento o menos prazeroso para elas. Se é através do movimento que as crianças expandem seus conhecimentos, é importante que todos os profissionais de educação infantil tenham esses conhecimentos e tantos outros adquiridos por lei para uma educação de qualidade.

As docentes parecem estar longe de entenderem que a rotina precisa ser elaborada levando em consideração: espaços,tempo, materiais, proposta pedagógica da instituição e principalmente as crianças em relação à idade, desejos, interesses, necessidades etc. O único

fator citado por elas é o desenvolvimento da criança levando em consideração apenas o ritmo de cada uma na resolução da atividade escrita. Infelizmente, essa realidade, em que os elementos básicos da elaboração da rotina são desconhecidos, acontece em muitas instituições, cumprindo um papel de preenchimento e controle dos atos dos professores e das crianças.

Em relação ao espaço, se o mesmo interfere na organização da rotina, as professoras dizem o seguinte:

Com certeza. Com certeza porque o espaço é o físico, né, que tá falando. É pouco espaço o local que a gente trabalha. Muito calor, não tem nenhum conforto, é insuportável. Um dia fui realizar uma tarefa com a turma e tive que desistir por conta do espaço. (CONCEIÇÃO)

Não, não interfere né, porque você acaba fazendo o seu trabalho como você planejou e organizou. (JOANA)

A professora Conceição diz que sim, que o espaço é quente e não tem conforto e que impede a realização de algumas tarefas. A professora Joana diz que o espaço não interfere em nada. Mas esse é o mesmo espaço da professora Conceição “quente e insuportável”. As duas não entendem qual a função e a importância do espaço físico, e não sabem que ele, por si só, é desafiador, e educativo. A professora Conceição fala que o espaço não é bom, mas nada faz para melhorar. A professora Joana parece desconhecer totalmente esse fator tão importante, que segundo Horn:

O olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica. Aliás, o que sempre chamou minha atenção foi a pobreza freqüentemente encontrada nas salas de aula, nos materiais, nas cores, nos aromas; enfim, em tudo que pode povoar o espaço onde cotidianamente as crianças estão e como poderiam desenvolver-se nele e por meio dele se fosse mais bem organizado e mais rico em desafios. (2004, p. 15).

Essa pobreza dos espaços é muito presente em muitas de nossas creches. Também é comum a falta de estrutura das instituições de educação infantil, principalmente as que funcionam em casas adaptadas, como a das professoras Conceição e Joana e, principalmente, a pobreza das relações mantidas entre as professoras e as crianças. Outros problemas são a carência de materiais pedagógicos, jogos, brinquedos e, principalmente, a falta de conhecimento de tantos profissionais de Educação Infantil, que por conta de uma má formação acabam por não conhecerem quais são as características específicas do professor de Educação Infantil e do que seja Educação Infantil de qualidade. Dessa forma, se acomodam

com o pouco que lhes é oferecido e acabam por não correrem atrás de buscar melhorias junto às secretárias de educação de seus municípios.

Sabemos que todos esses aspectos não são a garantia de um espaço que respeite e promova atividades significativas para as crianças. Esses são aspectos que contribuem, pois mesmo sendo espaços inadequados e com carências de todos esses materiais citados acima, se o professor tiver concepção de criança como um sujeito de sua própria aprendizagem, ele irá organizar com o pouco que tem, espaços ricos em interações, onde as crianças serão o centro do trabalho pedagógico, tornando o cotidiano das crianças rico em desafios.

Quando solicitadas a responderem se costumam pensar no espaço onde acontecerão as atividades, elas relatam os seguintes depoimentos:

Com certeza, de pensar eu penso. Quando eu penso numa atividade, toda vez que eu vejo que o espaço não é certo, eu levo eles lá pra fora, pro pequeno quintal. (CONCEIÇÃO)

(Dúvida ao responder) – Sim com certeza. Pra que as crianças, por exemplo, não se machuquem. (fica confusa e pede pra que eu repita a pergunta) – preocupada pra que as crianças não se machuquem. (JOANA)

A professora Conceição diz que pensa, e, quando a atividade não pode ser realizada na sala, ela leva as crianças para o pequeno quintal. A professora Joana demorou pra responder, e disse que pensa no fato de ter cuidado para eles não se machucarem. As duas professoras demonstram desconhecimento em relação à importância do espaço, elemento fundamental na educação infantil. O mesmo deve ser preparado antecipadamente e com o objetivo de despertar a curiosidade e o conhecimento dos pequenos. Ao visitar a creche, percebi que não havia nada de desafiador, pois é uma casa adaptada com pouco espaço, tanto no interior da instituição como fora dela. E os objetos, como brinquedos e materiais pedagógicos, se existiam não estavam disponíveis às crianças e nesse momento nenhuma delas manuseava nenhum objeto. As docentes parecem não perceber que o espaço, mesmo sendo pequeno, pode ser modificado de acordo com um planejamento antecipado e, de preferência, que as crianças se envolvam nessa organização, transformando esse espaço em cenários para brincadeiras ou para realização de atividades diversificadas, evitando a rotina repetitiva e promovendo assim diferentes experiências de aprendizagens. Pois, segundo Horn

As escolas de educação infantil têm na organização dos ambientes uma parte importante de sua proposta pedagógica. Ela traduz as concepções de criança, de educação, de ensino e aprendizagem, bem como uma visão de mundo e de ser humano do educador que atua nesse cenário. Portanto, qualquer professor tem, na realidade, uma concepção pedagógica explicitada no modo como planeja suas aulas,

na maneira como se relaciona com as crianças, na forma como organiza seus espaços na sala de aula. (2004, p. 61).

Sendo assim, se o professor acredita que suas crianças não têm potencial, e que aquele espaço não tem significativo algum, qualquer lugar está ótimo, contanto que suas crianças estejam o tempo todo ocupadas. Do contrário, se ele acredita que suas crianças são sujeitos de sua própria aprendizagem, o espaço simples e pequeno ganhará formas diferentes e criativas com a ajuda das crianças que terão vez e voz.

Infelizmente, essa violação do direito a um espaço favorável às crianças não acontece somente na instituição de Conceição e Joana, essa é uma triste realidade que se repete em muitas instituições de Educação Infantil do nosso país.

Faz-se urgente que todos os profissionais de Educação Infantil tomem conhecimento da importância do espaço, para que possam sair desse conformismo de que em sua creche não tem espaço adequado para se trabalhar e fique por isso mesmo.

Conforme as alterações na rotina, as professoras relatam com que frequência elas acontecem:

As vezes. Teve a morte do homem ( um senhor de nossa comunidade que se enforcou, uma semana antes da minha entrevista) aí naquele dia tinha uma atividade pra gente fazer, eu não lembro qual foi a atividade, mas quando aconteceu a morte que foi de manhãzinha, lá vai os meninos só falar e nós fomos falar sobre isso e a atividade que eu tinha planejado ficou pro outro dia. Entrevistadora - com que frequência sua rotina sofre alterações? Quando surge um fato novo, aí todo mundo quer comentar, seja bom ou ruim, mas os meninos querem falar. (CONCEIÇÃO)

Sim, com certeza. Como falei anteriormente, às vezes agente prepara a aula e às vezes não dar certo, então de mediato agente cria outra estratégia e faz. É muito pouco,mas acontece não frequentemente uma de dez, duas não dá certo e você vai ter que reorganizar novamente. (JOANA)

A professora Conceição diz que sempre quando acontece um fato novo na comunidade, sua rotina sofre alterações, pois toda a turma quer falar só sobre isso. A professora Joana fala sobre alterações, mas levando em considerações quando sua rotina não dá certo, sua aula planejada não desperta o interesse das crianças. As professoras não percebem que, se as crianças tivessem a oportunidade de elaborar junto com elas a rotina, com certeza a mesma seria mais proveitosa e atenderia as necessidades delas. Pois, segundo Barbosa (2006, p. 39), “Ao criar a rotina, é fundamental deixar uma ampla margem de movimentos, senão encontraremos o terreno propício à alienação”.

Segundo as professoras, o que elas mais gostam na rotina é:

Eu gosto da hora do conto. Quando eu vou contar história, eu gosto de fazer com que eles se emocionem. Eu gosto demais de contar história. É emocionante, eu gosto de fazer charme, porque aquela história só lida, não é emocionante né. É bom assim, cheia de charme... ( CONCEIÇÃO )

A questão do tempo de cada atividade, agente fica tipo assim organizado, planejado, porque agente pode desenvolver mais coisas dentro do que você planejou, por exemplo: o conteúdo de segunda feira, você pode levar uma brincadeira ou uma música em cima daquele conteúdo. É nesse sentido, criar atividades diferenciadas, interdisciplinar. (JOANA)

Professora Conceição afirma gostar da hora do conto porque ela adora contar história. A professora Joana parece está habituada na questão de cada coisa no seu tempo, e o que ela mais gosta é dessa divisão de horário. A professora Joana se preocupa muito na transmissão de conteúdo que deveria ser de acordo como o que Redin (1998, p.54) diz:

Mais que o domínio dos conteúdos básicos a escola marca pelas relações pedagógicas que proporciona. Deverão ser vistas as relações que a escola estabelece para o tempo de escola seja um tempo de infância pleno de sentido e desafiador e as relações sejam simultaneamente significativa e prazerosa, criativa, críticas e inovadoras. O ponto de partida dera ser a realidade existencial das crianças garantindo sua diversidade e especificidade

Essa postura da professora Joana é algo muito comum em nossas instituições de Educação Infantil. A valorização de conteúdos como algo que priorizam as práticas docentes não que isso não seja importante, claro que tem que existir, porém, a maneira como são aplicados nas salas de atividades ou em outras áreas da instituição nos leva a crer que precisa ser avaliada e não vista como fator determinante.

Em relação ao que elas menos gostam, relatam que:

O que eu menos gosto. Eu não gosto de dá banho nos meninos. Principalmente quando eu estou só. Quando você sai e deixa a turma sozinha, eles viram a sala. Quando uma criança faz cocô na roupa que eu vou sair, aí lá vai a sala ficar só, aí esse momento eu não gosto. Era pra ter alguém só pra esse tipo de coisa. Na escola particular em que meu filho estuda, ele vai para o banheiro sozinho. Eu acho muito errado e ao mesmo tempo não é. Ele ta no banheiro sozinho e a tia não tá vendo. (CONCEIÇÃO)

Quando às vezes ela não dá certo. Agente pensa, planejadireitinho, quando chega à sala, às vezes o aluno não se interessa, não foi bom, porque não teve criatividade, não chamou atenção da criança. Eu não sou muito boa nos desenhos, mas eu tento fazer alguma coisa pra chamar a atenção das crianças e formação que agente esta tendo é show de bola, a questão da musica e das historias que chamam a atenção das crianças. Então eu sempre tento fazer assim, alguma coisa, o desenho sai torto mas eles gostam né. (JOANA)

A professora Conceição não gosta de parte de dar banho nas crianças, quando,as vezes, alguma faz cocô na roupa. Ela acha que deve ter uma pessoa só para isso, enfatizando assim a dicotomia entre o Educar e Cuidar. A professora Joana, o que ela menos gosta é quando sua rotina não dá certo. A rotina que ela preparou sem consultar as crianças. As mesmas não entendem que tudo que acontece em sala é pedagógico, como afirma Brady e Kaercher (2001, p.73):

Todos os momentos podem ser considerados pedagógicos e de cuidados no trabalho com crianças de zero a seis anos. Tudo dependerá da forma como se pensam e se procedem as ações. Ao promover – lãs proporcionamos cuidados básicos, ao mesmo tempo em que atentamos para construção da autonomia, dos conceitos, das habilidades, do conhecimento físico e social.

As professoras parecem não entender que não dá pra separar o educar do cuidar, e que para a rotina ser prazerosa tanto pra elas quanto pras crianças, precisam ser pensadas e elaboradas a partir da escuta das crianças sobre o que elas falam e demonstram gostarem no dia-a-dia na instituição. Não é ouvir a criança, só por ouvir tem que levar em consideração o que elas falam, sempre fazendo registros, observações e procurar melhorar o cotidiano tentando atender as necessidades das crianças.

Ao serem indagadas sobre o que as crianças mais gostam na rotina, as professoras afirmam que

Na hora da história elas gostam. A rodinha de conversa, que logo cedo a gente chega ecada um vai contar a história que aconteceu na sua casa. (risadas) Teve uma menina na semana que passou que disse que o pai dela deu um tapa na mãe dela e ela viu. Ela disse que a mãe dela chorou e ela chorou também. Aí eu disse valha mim Deus, minha filha num conte isso não pelo amor de Deus, não conte nada de casa na escola não. Entrevistadora- por que você acha que as crianças gostam desse momento? Por que eles conversam, botam pra fora as coisas que eles querem. Porque tem deles, que quando vai conversar em casa, a mãe num está nem aí, aí nós que estamos lá, damos atenção, então eles arrocham o nó a conversar. (CONCEIÇÃO)

Menina, o que eles mais gostam é o momento das brincadeiras e daquelas atividades de recortar e de pintar. Entrevistadora- e por que você acha que eles gostam desse momento? Há por que eles podem, por exemplo, na brincadeira correr um pouquinho né. (JOANA)

A professora Conceição afirma que as crianças gostam mais do momento da historia e roda de conversa. Segundo ela, a criança tem o momento de falar sobre si e sobre sua família. Mesmo ela dizendo que as crianças gostam, ela reprime, quando alguma das crianças relata um fato de agressão do seu pai para com sua mãe, ela diz a criança “não conte nada de casa na escola”, contradizendo o próprio momento. A professora Conceição demonstra, em sua fala,

não saber lhe dá com situações onde as crianças trazem pra roda de conversa momentos de conflitos vividos em seu lar. Sendo assim, ela reprime as mesmas, dizendo pra elas não contarem nada de casa na escola. É uma pena, pois a roda de conversa é uma atividade ligada à linguagem oral. Se a criança é reprimida a não falar de sua vivência, como é que esse momento vai contribuir pra cada criança a possibilidade de um maior conhecimento de si e do mundo? Esse momento o professor deve incentivar as crianças a falarem e está atento ao que elas dizem e utilizar essas falas para planejar momentos de partilha e confronto de idéias entre a turma.

A professora Joana diz que as crianças gostam mais dos momentos de brincar, recortar e pintar. Explica que, na brincadeira, eles podem correr um pouquinho, deixando claro que na maior parte do tempo, eles não têm permissão para fazer isto. Mesmo as duas professoras, sabendo do que as crianças mais gostam, insistem em não valorizar esses momentos prazerosos, insistindo em levar a sério apenas o tempo da tarefa escrita. Na realidade, esse momento que mais agrada as crianças, não é levado em consideração na hora do planejamento. A única preocupação é cuidar pra que eles não se machuquem.

As brincadeiras não só expressam as possibilidades que têm de se oporem á dependência e de adquirirem certa autonomia, mas também valorizam uma reação positiva podem ser uma das mais variadas e construtiva de se relacionarem com os adultos e com outras crianças (CRAIDY, 1999, p. 16).

Dessa forma, as brincadeiras precisam ser mais valorizadas pelas professoras, pois é uma das estratégias das mais valiosas na Educação Infantil e deve ser a base do trabalho pedagógico. Esses são momentos em que as professoras devem observar e registrar como as crianças se organizam, como brincam, se tem algumas que não interagem, buscando sempre incentivar as crianças nesse momento, fortalecendo as interações entre todos. Quando a criança brinca, ela representa papéis que exteriorizam sentimentos que a deixa feliz ou não sem falar que no momento do brincar ela aprende, se transforma e se desenvolve em todos os aspectos.

Em relação ao que as crianças menos gostam é:

Na hora da atividade que eles não gostam muito. Tem alguns que gostam muito e tem aqueles mais atrasados que botam a cara pra lá e só faz riscar, só risca. Eu acho que é a família que não ajuda sabia. A escola faz sua parte, mas a família não faz, aí não anda. (CONCEIÇÃO)

Menina, é de escrever. Menina, é uma preguiça tão grande. Eu acho que o hábito de leitura, o hábito de contato com o livro que as famílias, as vezes, não tem paciência de proporcionar para as crianças, mesmo ao dormir, de ter uma hora de contar história pro filho, aí fica difícil. (JOANA).

As duas professoras concordam que o momento que as crianças menos gostam da rotina é fazer as tarefas escritas. Segundo elas, as crianças são preguiçosas, atrasadas e a culpa desse desinteresse é das famílias que não ajudam. É interessante observar que as docentes não consideram o fato das crianças não gostarem de fazer a tarefa escrita, elas atribuem o desinteresse pela atividade as famílias e a própria criança. Nenhuma parou pra analisar que tarefas estavam propondo para as crianças, se elas eram interessantes ou não. Nenhuma delas permite que as crianças façam escolhas, ignorando o desejo das mesmas de brincar. Segundo Vygotsky:

A brincadeira tem estreita relação com a criança e o desenvolvimento infantil, portanto se faz necessário que na rotina da pré-escola a brincadeira ocupe lugar privilegiado, já que é também o momento mais agradável para as crianças, sendo também pedagógico”. (1998, p.131).

Se as professoras respeitassem o direito de brincar das crianças, direito adquirido por lei, planejariam de forma lúdica todos os momentos e, com certeza, conseguiriam transformar aqueles considerados chatos, pelas crianças, em momentos agradáveis e significativos.

Ao mencionarem a proposta pedagógica, se elas conhecem e se a mesma interfere de alguma forma na organização da rotina, elas dizem:

Sim, conheço. Não, a proposta pedagógica não interfere em nada. Porque é assim: a nossa proposta pedagógica é a mesma da escola. A proposta já vem de lá, aí cada um é que dá sua opinião e acrescentava alguns pontos pra colocar lá. (CONCEIÇÃO)

Na instituição, nós temos a proposta pedagógica (responde timidamente) a gente até recebeu algumas informações de como trabalhar essa proposta. Eu não tenho muito conhecimento, mas eu conheço um pouco. Às vezes, a gente não tem muito tempo, nós não temos a curiosidade, por que a nossa aqui, nós temos a da escola e alguns anos colocaram a educação infantil, que até então era só projeto. Eu acredito que era só projeto, depois que ela passou pra escola teve esse cuidado mais atencioso. Mas a gente ainda desconhece essa proposta. (JOANA)

As duas professoras dizem conhecer a proposta pedagógica. A professora Conceição disse que ela não interfere em nada na organização da rotina. A professora Joana diz que recebeu algumas informações de como trabalhar essa proposta, mas não tem muito conhecimento não. As duas explicam que a proposta da creche é a mesma da escola, e que

foram colocados alguns pontos referentes à Educação Infantil há muito pouco tempo. Fica claro que as professoras tem um conhecimento muito superficial dessa proposta. É tanto que ela nem é levada em consideração na elaboração do planejamento e na organização da rotina como se fosse algo a parte e não fizesse parte da realidade da creche.

Barbosa (2006, p. 35) afirma que:

“As rotinas sintetizam o projeto pedagógico das instituições infantil e apresentam a proposta de ação educativa dos profissionais” sendo assim considera-se que rotina é uma maneira de organizar o tempo de atividades e prática pedagógica nos cotidianos das instituições infantis.

Se as rotinas sintetizam o projeto pedagógico das instituições da educação infantil, fica evidente que as professoras organizam suas rotinas levando em consideração apenas o preenchimento do tempo que passam com as crianças. Pensando nisso, se faz necessário que as professoras, urgentemente, tomem posse da proposta pedagógica da instituição na qual trabalham para perceberem a importância desse documento. No mesmo, irão encontrar orientações para a organização das atividades promotoras de aprendizagens e desenvolvimento das crianças com as quais trabalham. Pois, de acordo com as atuais Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil- DCNEI (BRASIL, 2009)

Art. 4 As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Dessa forma, se faz urgente que a proposta pedagógica das instituições sejam levadas a sério, objetivando orientar a prática pedagógica. O que acontece em muitas instituições de Educação Infantil é que essa proposta é elaborada e engavetada. Essa questão do não conhecimento da proposta pedagógica por parte das professoras é algo comum nas instituições infantis. Se existe nem todos conhecem e muitas vezes é elaborada pela coordenadora sem a participação dos envolvidos como a comunidade, professores, e outros funcionários que trabalham direto ou indiretamente com as crianças.

Na realidade das professoras entrevistadas isso ocorre na instituição que elas trabalham. O que se pode observar em suas falas é que a proposta pedagógica não é usada

para fins que condizem com as ações dos profissionais que ali trabalham e nem as especificidades infantis

O desrespeito aos conhecimentos das leis que asseguram os direitos legais das crianças que são atendidas em creches e pré-escolas das muitas instituições de Educação Infantil do nosso país nos remete a falta de políticas públicas que não investem e nem colocam na prática fatores importantes como espaço físico adequado para o atendimento dos pequenos, materiais suficientes e de qualidade para todas as crianças e principalmente de formação inicial e continuada de qualidade que atenda as especificidades da Educação Infantil.

Desse modo, fica evidente que uma educação de qualidade depende de todos esses fatores e que os mesmos se faz urgente, pois, professores com formação de qualidade e com condições concretas para realizar o seu papel de mediador junto às criança fará com que a Educação Infantil cumpra seu verdadeiro papel que é desenvolver de forma integral todas as crianças atendidas em creches e pré-escolas, através de rotinas prazerosas e significativas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse último capítulo trás os resultados da pesquisa feita junto as professoras e analisadas a luz de alguns estudiosos que nos apontam os critérios de uma educação infantil de qualidade para as crianças que são atendidas nas instituições de creches e pré- escolas.

Ao término dessa pesquisa, que teve como objetivo compreender qual é a concepção das professoras de creche sobre rotina, fica claro que as mesmas tem pouca compreensão do assunto. As mesmas demonstraram em suas falas uma concepção de rotina como instrumento de controle do tempo, dos materiais e das atividades realizadas junto às crianças na creche.

A visão de educação infantil é de “guardiã” ou “preparação para a vida adulta”. A criança não é considerada como um sujeito de direito e está lá para tornar-se cidadã. Dessa forma, elas decidem o que fazer e como fazer sem precisar da opinião das crianças.

As docentes demonstraram grande interesse em relação às tarefas escritas, as únicas consideradas por elas como atividades pedagógicas, ressaltando o caráter de pré-alfabetização, mesmo com crianças tão pequenas.

Todas essas concepções demonstram a fragilidade dos cursos de formação inicial e da formação continuada. Faz-se necessário refletir sobre os atos do dia-a-dia, buscando saber porque se faz tais ações de um modo, e não de outro, e buscar, para o centro das discussões, a criança, seus interesses e desejos tornando-a sujeito de sua própria aprendizagem e restabelecendo relações pautadas no respeito e na diversidade.

Ao serem indagadas sobre o que acham das crianças com quem trabalham, as professoras relatam uma concepção de criança passiva, sem desejos, sem direito a opinar e fazer escolhas, desconsiderando os ritmos das mesmas, como se fosse possível uma sala homogênea, ignorando, assim, as necessidades e direitos da criança.

Dessa forma, a rigidez da rotina é muito presente na prática das professoras Joana e Conceição, pois é seguida fielmente, mantendo, segundo elas, a organização do tempo para cada atividade, tornando a mesma rotineira e sem significado para as crianças, a não ser o controle do tempo.

Em relação à organização da rotina, as docentes relatam que ela já veio pronta da secretária e que elas fazem algumas adaptações. Um fator agravante é que as mesmas conhecem muito pouco da proposta pedagógica de sua instituição, e que essa não é levada em consideração na elaboração da rotina.

Como atender bem as crianças sem conhecer suas particularidades? Sem entender qual o verdadeiro papel do professor de Educação Infantil?

Sendo assim, se faz necessário refletir sobre as ações praticadas dentro das instituições de Educação Infantil, onde todos os que compõem essas instituições possam sentar, dialogar e identificar que tipo de rotina está sendo oferecida às crianças, buscando descobrir se a mesma é desafiadora ou mero instrumento das ações dos que dela participam. Todos esses passos, devem ser realizados à luz do que diz os documentos que orientam a construção das propostas pedagógicas direcionadas ao pleno desenvolvimento das crianças. Só assim é possível oferecer uma educação de qualidade, capaz de favorecer o desenvolvimento integral de todas as crianças atendidas em creches e pré-escolas de nosso país.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Rosemeire Costa de. **A rotina da pré-escola na perspectiva das professoras, das crianças e de suas famílias**. Tese - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- ANDRADE, Rosimeire C. **Opercurso metodológico da pesquisa “A espera e a ociosidade na rotina creche comunitária de Fortaleza”**. 2001, no prelo ( p.01-p.51)
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.240 p.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Brasília, 1996.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: SEB/COEDI, 2009.
- CEARÁ. Secretaria da Educação Básica – **A instituição de educação infantil**. / Maria Amélia Simonetti Gomes de Andrade e Rita de Cássia Freitas Coelho. Fortaleza, S EDUC, v.04, p.20, 2000.
- CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- CRUZ, Sílvia Helena Vieira. Reflexões acerca da formação do educador infantil.**Cadernos de Pesquisas**. São Paulo, n 97,p 82, 1996.
- HOFFMANN, Jussara; SILVA, Maria Beatriz G. da.**Ação educativa na creche**. Porto Alegre: MEDIAÇÃO, 1995.
- KUHLMANN JR., Moysés. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- LARROZA, Jorge; NURIA, Pérez de Lara. **Imagens do outro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- LIMA, Antonia Emanuela Oliveira de. **A rotina na Educação Infantil e sua Contribuição para a Autonomia Moral da Criança**.Dissertação – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Cará, Fortaleza, 2010.
- HORN, M. G. S. **Sabores, cores, sons, aromas. A organização dos espaços na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- REDIN, Euclides. **O espaço e o tempo da criança: se der tempo à gente brinca**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- VASCONCELLOS, C. dos S. **Planejamento: Projeto de ensino-aprendizagem e Projeto político-pedagógico**. São Paulo:Libertad, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de S. & SANCHES, Odécio. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?** Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul. / set., 1993.

DANTAS, Heloisa. **A infância da razão:** uma introdução à psicologia da inteligência de Henry Wallon. São Paulo: Manole Dois, 1990.

\_\_\_\_\_. **Entender e Atender:** o educador poliglota. [Palestra proferida na Faculdade Sete de Setembro, Fortaleza, 2005].

MACHADO, Maria Lucia de A. **Formação Profissional para a Educação Infantil: Subsídios para Idealização e Implementação de Projetos.** Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: 1998.

APÊNDICE – A Roteiro de entrevista com as professoras

**Bloco 1: Dados pessoais/profissionais/formação**

1. Qual a sua idade?
2. Você é solteira ou casada? Tem filhos? Quantos? Qual a idade deles?
3. Qual a sua formação inicial? Me fale um pouco sobre ela. Você acha que ela lhe preparou adequadamente para o seu trabalho com bebês e crianças pequenas? Por quê?
4. Antes de trabalhar nessa creche já havia trabalhado com outra etapa da educação? Qual? O que achou dessa experiência?
5. O seu município oferece formação continuada? O que você acha dessa formação? Ela contribui de alguma forma para a realização do seu trabalho? De que forma?

**Bloco 2: Concepções**

6. Na sua opinião, para que serve a Educação Infantil?
7. O que você acha das crianças frequentarem a Educação Infantil?
8. Na sua opinião, qual a função principal da creche que você trabalha?
9. Você acha que ela tem cumprido bem essa função? Por quê?
10. O que você acha das crianças com as quais você trabalha? Como elas são? O que você sabe sobre elas? Como sabe?

**Bloco 3: Rotina**

11. Para você, o que é rotina? Para que ela serve?
12. Descreva a rotina da creche na qual você trabalha.
13. Como foi organizada essa rotina? Quem a organizou? Há quanto tempo ela está organizada assim?
14. O que você acha dessa rotina? Por quê?
15. O que você acha que as crianças acham dessa rotina? Por quê?

**Bloco 4: Elaboração da rotina**

16. O que você leva em consideração ao elaborar a rotina?
17. De que forma você organiza o tempo de cada atividade? Por que organiza dessa forma e não de outra?
18. Você acha que o espaço interfere na organização da rotina? Como?
19. Você costuma pensar no espaço onde acontecerão as atividades? De que forma o organiza? Por que organiza dessa forma?
20. A rotina da sua turma costuma sofrer alterações? Que tipo de alterações? Com que frequência? O que a leva a fazer essas alterações?

21. O que você mais gosta nessa rotina? Por quê?
22. E o que menos gosta? Por quê?
23. O que você acha que as crianças mais gostam nessa rotina? Por quê?
24. E o que elas menos gostam? Por quê?
25. Na instituição em que você trabalha há Proposta Pedagógica? Você a conhece? Ela interfere de alguma forma na organização da rotina? Como?